



14 *Das transformações da concepção de memória em Freud¹*

(Sobre las transformaciones de la concepción freudiana de la memoria)
(On the transformations in Freud's understanding of memory)

Laelson Matos Ribeiro Júnior¹ Edvania Gomes da Silva²

Este texto, inicialmente, fora apresentado como avaliação final disciplina “Introdução às teorias da memória”, ministrada pela Prof. Dra. Maria Salete de Souza Nery e pelo Prof. Dr. Moacir Carvalho Oliveira, no Programa de Pós-Graduação em Memória, Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Uma vez aprovado no referido componente disciplinar, o artigo fora publicado no periódico *Diálogos Penitentes*, sob o título “Percurso da memória em Freud: traço, rearranjo, tradução e índice”. O texto aqui apresentado é uma versão retrabalhada do referido artigo, seguindo algumas observações e sugestões do Prof. Dr. Moacir Carvalho Oliveira na ocasião de apresentação do texto inicial a sua avaliação.

Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB; doutorando visitante na Université Paris Cité – França; Bacharel em Psicologia pela UESB. Bolsista CAPES-PDSE. E-mail: laelsonmrj@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0194615372084916>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1311-6523>.

Professora Titular/Pleno da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); docente do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (CAPES / UESB) e do Programa de Pós-Graduação em Linguística (CAPES / UESB). É membro do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso (GPADis/ UESB/ CNPq). Atua na área de Linguística, área de concentração em Análise de Discurso, com ênfase nos seguintes temas: discurso religioso; polêmica discursiva e interdiscurso; aforização. Email: edvaniagsilva@gmail.com. ORCID: 0000-0002-6201-7583.

Resumo – Neste artigo, objetivamos, discutir algumas das transformações concernentes à concepção de memória na teoria psicanalítica cunhada por Sigmund Freud. Para tanto, realizamos revisões teóricas sistemáticas e buscamos conceituar a forma como a memória é apresentada ao longo dos trabalhos do mencionado autor. Identificamos três momentos principais nos quais a concepção de memória sofre arranjos e rearranjos significativos: i) em certos trabalhos, a memória é concebida como um processo de produção; ii) em um segundo grupo de textos, surge a perspectiva de memória como um arquivo, continente da materialidade experiência; e iii) em um terceiro momento, após enfrentar tensões e passar por processos de elaboração, emerge uma concepção de memória reestruturada, em que a natureza de singularidade, construída a partir de múltiplos registros, é privilegiada.

Palavras Chave: Memória; Psicanálise; Freud.

Resumen – En este artículo pretendemos discutir algunas de las transformaciones relativas a la concepción de la memoria en la teoría psicoanalítica acuñada por Sigmund Freud. Para ello, realizamos revisiones teóricas sistemáticas y buscamos conceptualizar la forma en que se presenta la memoria a lo largo de las obras del citado autor. Identificamos tres momentos principales en los que la concepción de la memoria sufre arreglos y reordenamientos significativos: i) en determinadas obras la memoria es concebida como un proceso de producción; ii) en un segundo grupo de textos emerge la perspectiva de la memoria como archivo, contenedor de materialidad, experiencia; y iii) en un tercer momento, luego de enfrentar tensiones y atravesar procesos de elaboración, emerge una concepción reestructurada de la memoria, en la que se privilegia la naturaleza de la singularidad, construida a partir de múltiples registros.

Palabras clave: Memoria; Psicoanálisis; Freud.



Abstract – *In this article, our aim is to discuss some of the transformations related to the concept of memory in the psychoanalytic theory coined by Sigmund Freud. To achieve this, we conducted systematic theoretical reviews and sought to conceptualize how memory is presented throughout the works of the mentioned author. We identified three main moments in which the conception of memory undergoes significant arrangements and rearrangements: i) in certain works, memory is conceived as a production process; ii) in a second group of texts, the perspective of memory as an archive, containing the materiality of experience, emerges; and iii) in a third moment, after facing tensions and undergoing processes of elaboration, a restructured conception of memory emerges, in which the nature of singularity, constructed from multiple records, is emphasized.*

Keywords: *Memory; Psychoanalysis; Freud.*



Considerações iniciais

Uma analítica a respeito das concepções e conceitos elaborados no interior da psicanálise cunhada por Freud mostra, sem grandes esforços, uma série de transformações conceituais e reconfigurações de um sistema de pensamento construído e reconstruído ao longo das décadas de trabalho do autor. Em relação ao modo pelo qual a memória era pensada pela teoria freudiana, essa dinâmica não é diferente.

Abordar o problema da memória na teoria freudiana é gravitar em torno de um conceito central, que foi — justamente por sua centralidade — arranjado e rearranjado ao longo de décadas de trabalho prático e teórico. É possível dizer que essa construção em múltiplos estratos foi um dos elementos que permitiu que o referido conceito fosse constituído com a densidade teórico-epistemológica e papel decisivo que hoje possui na teoria psicanalítica.

Em determinados trabalhos, mesmo em alguns que são considerados ainda como pré-psicanalíticos, a concepção de memória delineada por Freud era dotada de certa novidade, contrapondo-se a muitas das tradições de pensamento sobre a memória que eram vigentes na antiguidade. Porém, é possível encontrar, em textos produzidos nesse mesmo período histórico, que diz respeito ao fim do século XIX

e também no início do século XX, proposições que, pelo modo como conceituam a memória, também ativam fundamentalmente a problemática desta como arquivo, o qual guardaria a verdade da materialidade da experiência traumática — posição essa que, em maior ou menor medida, acabava por reinserir o pensamento freudiano no bojo de uma teoria clássica da memória.

Curiosamente, nos últimos textos freudianos, também é possível encontrar uma certa conceituação da memória como produção de narrativas — visão mais amplamente difundida nos estudos psicanalíticos pós-freudianos —, bem como vestígios, sinais ainda latentes, daquela outra memória em que existiria uma cena primária capaz de guardar a materialidade da experiência traumática.

Assim, de uma certa compreensão de memória a outra, muitas são as transmutações performadas pela concepção de memória na teoria freudiana.

Nossa proposta central, no texto que se segue, pode ser definida como um esforço no sentido de delinear alguns dos contornos das múltiplas transformações que marcam uma certa concepção de memória que emerge com Freud. Em suma, analisar os modos pelos quais a concepção de memória tem sua configuração e reconfiguração assinalada no interior da teoria freudiana, buscando estabelecer suas bases



e conceituações, suas mudanças e suas implicações para o modo de pensar a constituição da subjetividade.

Visando possibilitar a execução de tal tarefa, realizamos, inicialmente, revisões teóricas sistemáticas da obra freudiana, a partir das quais esquadrihamos as transformações gerais da ideia de memória na obra do referido autor. Recorremos também a outros autores, comentadores de Freud, os quais nos ajudaram a pensar alguns dos rearranjos de determinadas linhas de força constitutivas do mencionado conceito em todo o trabalho do fundador da psicanálise.

Para operacionalizar a apresentação das ideias advindas do nosso movimento de pesquisa, dividimos nosso texto em cinco momentos principais, dos quais essas considerações iniciais são o primeiro. No segundo momento, propomos pensar a memória conforme era teorizada a partir do *Projeto para uma psicologia científica* (Freud, 1954 [1895]) e da *Carta 52* (Freud, 1954 [1896]), delineando o conceito de memória como marca e diferença. A terceira parte de nossa caminhada foi dedicado a analisar os modos pelos quais a concepção de memória em Freud é modificada a partir da teoria da sedução e do método catártico. Nesse sentido, discutimos de que forma esta teoria e este método apresentam uma memória

despida de sua característica singular de produção, inscrevendo-a sob o signo de uma memória atravessada pela noção de arquivo. A quarta sessão parte da introdução do conceito de narcisismo, para mostrar os trabalhos que assinalam um certo afastamento de Freud de uma determinada ideia de memória como continente da experiência, ao passo que se privilegia uma concepção de memória que se apresenta como potência criativa. Por fim, a quinta e última parte deste texto diz respeito às considerações finais concernentes a nossa empreitada.

Erinnerungsspuren: os traços mnemônicos

Em Freud, as primeiras proposições mais relevantes sobre a memória aparecem ainda antes dos trabalhos vistos como propriamente psicanalíticos. Estamos nos referindo, aqui, de maneira mais específica, ao texto *Projeto para uma Psicologia científica* (Freud, 1954 [1895]) e também à conhecida *Carta 52* (Freud, 1954 [1896]), enviada a Fliess em 1896.

No *Projeto para uma Psicologia científica*, elaborado em 1895, o papel da memória é central. Nele, podemos ver Freud afirmar que “qualquer teoria psicológica que mereça consideração deve fornecer uma explicação para a memória” (Freud, 1954 [1895], p. 359 – tradução nossa). É atravessado por



4. No *Projeto para uma psicologia científica* (Freud, 1954 [1895]) a natureza de Q é bastante inespecífica. Freud refere-se a isto apenas como um quantitativo, embora não saibamos especificamente de que. No entanto, podemos nos amparar em outras obras freudianas posteriores ou em trabalhos de comentadores da obra freudiana para tentar tornar o sentido de Q um pouco mais fácil de se compreender. Em obras como *Além do princípio do prazer* (2010 [1920]), essa ideia de um quantitativo do qual o organismo tenta se livrar, ou abaixar até um certo nível de homeostase, é retomada, mesmo que com outras terminologias. Se pensarmos em obras como essa, Q seria, então, uma forma de energia, energia libidinal, se assim preferirmos, algo que investiria os neurônios. O termo utilizado por Freud, em 1895, para definir esse estado ocupação dos neurônios por Q foi “*Besetzung*”, traduzido para “*catexia*”, por Strachey, e para “*investimento*”, em muitas traduções para o português. “*Besetzung*” é o mesmo termo usado em obras posteriores, quando, por exemplo, Freud fala de investimento de libido em um objeto. Garcia-Roza (2011, p. 39), em “Freud e o inconsciente”, afirma “*Besetzung*” se trata de uma carga de afeto ou soma de excitação. Deste modo, para tentar tornar o

uma demanda como essa que, no trabalho em questão, o autor enuncia que sua proposta de trabalho é representar os processos psíquicos como “estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis e, assim, torná-las claras e sem contradições” (Freud, 1954 [1895], p. 354 – tradução nossa).

Dediquemos um momento para traçar os contornos daquilo que está em jogo no texto em questão, pois isto é relevante: para alcançar essa explanação que supostamente seria bem sucedida em representar os estados psíquicos de forma quantitativa, material e livre de contradições, Freud (1954 [1895]) propõe a tese de que aquilo que diferencia o estado de atividade, do sistema psíquico, do estado de repouso é uma certa quantidade Q de natureza inespecífica⁴, e que as partículas materiais, sobre as quais se baseiam os processos psíquicos, são os neurônios.

Freud (1954 [1895]) continua a proposição de sua tese com a exposição da ideia de que o aparelho psíquico é composto diferentes tipos de neurônios – de saída, na metade inicial do texto em tela, são dois tipos de neurônios. A diferença central entre cada tipo de neurônio, naquilo que concerne ao problema da memória do qual nos ocupamos aqui, está precisamente naquilo que o autor chama de *barreiras*

de contato e na permeabilidade, ou não, dessas barreiras ao quantitativo Q .

O primeiro grupo de neurônios, argumenta Freud, seria absolutamente permeável a Q . Assim, esse grupo de células neurais se caracteriza por não oferecer qualquer tipo de resistência à passagem do quantitativo Q e tampouco retém qualquer elemento relativo à passagem do estímulo excitatório. Freud chama esse sistema, composto por neurônios completamente permeáveis, de sistema Φ , e afirma que nesse sistema o quantitativo Q pode passar livremente, como se as barreiras de contato não existissem de fato. Após a passagem do estímulo excitatório, estes neurônios são deixados nas mesmas condições que estavam anteriormente, ou seja, permanecem inalterados. Freud (1954 [1895]) teoriza que este grupo de neurônios, por sua constituição, está relacionado com as funções da percepção.

Diferente desse primeiro grupo de neurônios, existe, segundo aquilo que é teorizado no *Projeto para uma Psicologia científica* (Freud, 1954 [1895]), um segundo grupo composto por neurônios impermeáveis ao quantitativo Q . Freud (1954 [1895]) denomina este grupo de sistema Ψ e afirma que nele os neurônios são caracterizados por possuírem barreiras de contato que se apresentam e operam sobre a passagem de Q . Uma vez que as barreiras de con-



exercício de entendimento do projeto ligeiramente menos complexo, podemos tomar, aqui, de antemão – embora pareça um anacronismo –, Q como um quantitativo de energia afetiva, libidinal, uma carga de excitação.

tato entram em operação, a quantidade de energia, oriunda do estímulo excitatório, passa pelos neurônios apenas parcialmente ou com dificuldade.

Freud argumenta que “essa segunda classe pode ser deixada em uma condição modificada após cada excitação e, portanto, oferece a possibilidade de representar a memória” (Freud, 1954 [1895], p. 360 – tradução nossa). O autor em tela acrescenta ainda que os neurônios de sistema Ψ “são os veículos da memória e, presumivelmente, portanto, dos processos psíquicos em geral” (Freud, 1954 [1895], p. 360 – tradução nossa).

Essa tese freudiana, de que os neurônios do sistema Ψ têm relação com a memória, pode ser sustentada, defende o autor, na medida em que as barreiras de contato dos neurônios deste sistema são permanentemente transformadas no curso do estímulo excitatório. Dito de uma outra maneira, a impermeabilidade dos neurônios do sistema Ψ faz com que suas barreiras de contato sejam permanentemente alteradas para um estado diferente daquele anterior à passagem do estímulo excitatório.

Sob essa perspectiva, conforme as barreiras de contato recebem cargas de estímulos, elas têm seu grau de impermeabilidade modificado, tornando-se mais ou menos permeáveis a Q , facilitando ou dificultando a sua passagem. A passagem do quantitativo

Q , pelo sistema Ψ , através de alteração permanente das barreiras de contato dos neurônios, cria, segundo Freud (1954 [1895]), rotas (*Bahn*) privilegiadas pelas quais o estímulo excitatório pode passar, permitindo pensar as barreiras de contato segundo o seu grau de facilitação (*Bahnung*) (Freud, 1954 [1895]).

Freud sustenta, assim, que a memória se apresenta como um efeito das diferenças existentes entre as barreiras de contatos existentes nos múltiplos neurônios constitutivos do sistema Ψ . Ainda segundo o autor, “é mais correto dizer que a memória é representada pelas diferenças nas facilitações entre os neurônios Ψ ” (Freud, 1954 [1895], p. 361 – tradução nossa).

A tese freudiana inscreve a memória dentro de uma perspectiva quantitativa e também materialista, isto, pois coloca em jogo uma certa compreensão de memória que emerge como efeito de um jogo de diferenças de quantidades de energia – que atravessam o sistema psíquico – e também como um efeito das marcas deixadas nos neurônios, que são uma instância em absoluto material.

Na *Carta 52* (1950 [1896]), enviada por Freud a Fliess, em 1896, essa tese não apenas se reafirma como ganha contornos mais firmes. Na referida carta, Freud propõe que a memória é constituída por uma série de traços mnemônicos (*Erinnerungsspu-*



ren) deixados no sistema inconsciente. Esses traços mnêmicos poderiam, no decorrer do tempo e a depender das condições, sofrer rearranjos e retranscrições. O fundador da psicanálise afirma ainda que, na passagem de algo não consciente para o domínio da consciência, ocorreria uma espécie de tradução dos traços mnemônicos.

Conforme definido pelo próprio Freud, o que há de fundamentalmente novo nessa teoria — o elemento que é capaz de assinalar um caráter de diferença em relação às outras modalidades de pensamento sobre a memória que eram vigentes até então — é “a afirmação de que a memória não é simples, mas múltipla, estabelecida em diferentes tipos de signos” (Freud, 1950 [1896], p. 185 – tradução nossa).

A convergência das teses propostas por Freud, nos dois trabalhos anteriormente apresentados, traz três implicações bastante relevantes para pensarmos as modalidades de compreensão da memória na teorização deste autor. i) De saída, podemos afirmar que a memória é apresentada de modo que perde sua relação de espelho com a experiência material, pois, nesse cenário, não mais é uma memória que emerge como cópia mais ou menos fiel das percepções ou dos traços mnêmicos que com a reminiscência se relacionam.

A memória não é mais uma representação có-

pia da experiência material que a origina, pois ela mesma está sujeita aos múltiplos rearranjos dos traços mnêmicos (*Erinnerungsspuren*) no decorrer do tempo. Sob este aspecto, é justificado afirmar que, na teorização freudiana apresentada anteriormente, o elemento constitutivo fundamental da memória é a relação entre sinais que deixam seus registros no psiquismo e a possibilidade de rearranjo desses registros na medida em que o sujeito se relaciona com o outro e com o mundo. Esta relação produz uma lembrança que não guarda relação de identidade necessária com a materialidade da experiência e suas percepções.

ii) A segunda implicação é concernente à inscrição, por parte da teoria freudiana, da memória sob o signo do inconsciente, e não mais como uma faculdade da consciência. Freud (1950 [1896]) afirma que para que uma lembrança possa emergir sob o domínio da consciência é necessário, antes, que exista uma tradução dos traços mnêmicos (*Erinnerungsspuren*) permanentes deixados no aparelho psíquico pela passagem do estímulo excitatório. Para Freud (1950 [1896]), estes traços de memória estão inscritos na ordem do inconsciente e apenas podem vir à consciência na medida em que uma operação de tradução dos traços é operada no sistema psíquico. Desse modo, aquilo que aparece na consciência, en-



quanto rememoração, diz respeito a uma representação do traço de memória e não o traço em si mesmo — diferenciando aquilo que lembrado da memória.

O efeito dinamizador da tese proposta por Freud não pode ser adequadamente apreendido antes de nos atentarmos para o fato de que não se trata apenas de uma inscrição da memória sob o signo do inconsciente, mas também da proposição de uma cisão fundamental entre a memória e os domínios da consciência. Freud afirma que a memória se relaciona com a consciência de forma excludente, indicando que “consciência e memória são mutuamente exclusivas” (*Bewußtsein und Gedächtnis schließen, sich nämlich aus*) (Freud, 1950 [1896] p. 186). Desse modo, no espaço em que há consciência, não pode haver memória. Na consciência, existe apenas representação, tradução do traço de memória.

Por fim, iii) a terceira implicação concerne à proposição de que, uma vez que as barreiras de contato dos neurônios do sistema Ψ são permanentemente alteradas pela passagem do estímulo excitatório Q , as marcas mnêmicas — relacionadas as transformações dessas barreiras — adquirem um caráter de permanência. Dito de outro modo, os traços mnemônicos até podem se modificar e, também, modificar as relações que estabelecem entre si, mas eles nunca são apagados.

A partir dessa ideia, uma questão fundamental para a teoria psicanalítica freudiana começa a tomar forma: a tese de que não existe apagamento da memória. Segundo teorizado por Freud (1954 [1895]), aquilo que frequentemente marcamos como esquecimento não é concernente a um apagamento dos traços mnêmicos deixados pela experiência, e sim uma falha de tradução do traço do inconsciente para a consciência. O esquecimento não diz de um apagamento, mas de uma falha de representação. Trata-se de uma impossibilidade de rememoração que está relacionada às defesas do aparelho psíquico, que opera a fim de evitar o desprazer relacionado à atividade de rememoração de uma experiência determinada (Freud, 1954 [1895], p. 408). Os esquecimentos não são mais do que traços que tiveram sua tradução barrada por alguma resistência.

A esse respeito, Freud (1954 [1895]) é bastante contundente em sua exposição. Ao falar do papel dos afetos defensivos, o referido autor pontua que, se nos lançarmos a investigar a condição de uma ideia reprimida, referida adiante enquanto B , “descobrimos que essa ideia pode ser facilmente encontrada e trazida à consciência. Isso é surpreendente, pois poderíamos ter suposto que B foi realmente esquecido e que nenhum vestígio dela permaneceu em Ψ ” (Freud, 1954 [1895], p. 408 – tradução nossa). No



entanto, um exame mais detido é capaz de nos mostrar que isto não é verdade, pois “*B* é uma imagem de memória como qualquer outra. Não é extinta” (Freud, 1954 [1895], p. 408 – tradução nossa). Esta ideia é, de fato, um complexo de catexes, um complexo de neurônios investido de *Q* de uma maneira específica; assim se, realmente “*B* é um complexo de catexes, então uma resistência, incomumente forte, e que não pode ser facilmente eliminada, se opõe a qualquer atividade do pensamento em relação a *B*” (Freud, 1954 [1895], p. 408 – tradução nossa).

O modo como Freud, nos trabalhos anteriormente discutidos, concebia a memória acabava por distanciá-lo de teorias da memória existentes desde a antiguidade clássica, tais como as teses platônicas. Na ideia de memória que podemos encontrar no texto *Teeteto*, de Platão (2010, [369 a.C.]), por exemplo, a memória aparece descrita como uma impressão de um sinete em um bloco de cera.

Em seu diálogo, Platão (2010, [369 a.C.]) faz a exposição de uma certa memória que é pensada e descrita como “a mãe das Musas”. Deste modo, prossegue o autor (2010, [369 a.C.], p. 282), “se quisermos recordar algo — entre o que vimos, ouvimos, ou pensamos nós próprios —, tomamos impressões nesse mesmo bloco de cera e colocamos a cera sob as sensações e os pensamentos, como se estivéssemos

imprimindo um sinete”. Sob essa lógica, continua Platão, “aquilo cuja impressão é fixada, recordamo-lo e sabemos, enquanto a sua imagem permanecer; por sua vez, o que é apagado ou não pode ser impresso, [e] esquece-se e não se sabe” (Platão, 2010, [369 a.C.], p. 282).

É possível afirmar que existe, na elaboração filosófica platônica a respeito da memória, uma relação de semelhança necessária entre a memória e a experiência que fora vivida por aquele que rememora. Existe um original da ordem da experiência e a memória que emerge como cópia. Tal relação, como caracteriza Ricoeur (2007), acaba por conceituar a memória como uma espécie de representação presente de uma coisa ausente.

Rozenthal aponta que na Antiguidade e na Idade Clássica, de maneira geral, “memória era vista como reprodução” (Rozenthal, 2013, p. 95). Tratava-se de uma reprodução “certamente menos nítida do que a realidade da percepção, dos fatos passados” (Rozenthal, 2013, p. 95), mas, ainda assim, em última instância uma reprodução. Entre memória e percepção, a diferença seria de grau e não de natureza — esta forma de pensar a memória não deixa de arregimentar a famosa problemática platônica do simulacro, do original e da cópia.



Pode-se marcar que a teorização freudiana a respeito da memória assinala seu caráter de diferença em relação às teses platônica por algumas razões específicas e centrais. Essas razões foram, em alguma escala, expostas anteriormente, mas vale a pena que façamos uma rápida retomada delas, dessa vez contrapondo-as às modalidades de pensar a memória na antiguidade, para que possamos atar as pontas soltas e finalizar essa seção do trabalho.

Em uma instância, a memória, conforme Freud a conceitua — no *Projeto para uma psicologia científica* (1954 [1895]) e na *Carta 52* (1954 [1896]) —, se distancia daquela que aparece em Platão (2010, [369 a.C.]) pelo fato de que a memória freudiana não pode ser pensada sob a lógica de um sinete na cera. Como fora discutido, para Freud (1954 [1895]), as marcas, de fato, existem. Contudo, essas marcas não são as marcas exatas da experiência, impressas de forma relacional com a materialidade vivida e prontas para serem retomadas *a posteriori*.

Os traços, dos quais fala Freud, têm uma natureza distinta daquela que é a natureza da percepção. Podemos assinalar, inclusive, que ainda durante o *Projeto para uma psicologia científica* (1954 [1895]), Freud a firma que memória e percepção não são, sequer, processos de uma mesma natu-

reza. Conforme defende o referido autor, a memória, normalmente, não arregimenta nada que seja da qualidade da percepção (Freud, 1954 [1895], p. 370).

Para além disso, a memória freudiana também não deve ser subscrita sob o signo de uma à representação presente de uma coisa ausente. Os traços mnemônicos (*Erinnerungsspuren*), teorizados por Freud (1950 [1896]), deixados no aparelho psíquico pela passagem dos estímulos excitatórios através das barreiras de contato dos neurônios do sistema Ψ , tem sua constituição a partir de diferentes registros de signos, de sinais. Essas marcas não representam coisas, e sim outros sinais.

O exercício de rememoração, sob essa lógica, não é compreendido como um movimento no sentido de trazer ao presente coisas que estão ausentes. Os sinais, os signos, os significantes, não fazem referência às coisas em si, fazem referência, de fato, a uma série outra de signos e marcas com os quais se relacionam.

A terceira razão está vinculada à concepção de que, de maneira distinta das teses platônicas (2010, [369 a.C.]) a respeito da memória, nas primeiras proposições freudianas não se observa um esquecimento que emerge como efeito do apagamento dos traços mnêmicos ou das impressões deixadas pe-

las experiências. Os esquecimentos abordados por Freud (1954 [1895]) são, de fato, falhas no exercício de realizar uma tradução dos traços mnemônicos registrados no inconsciente. O que se revela não é uma lacuna na inscrição mnêmica, uma eliminação do registro, como era possível nas formulações platônicas, mas sim uma resistência que atua contra qualquer tentativa de recordar a situação traumática.

Assim, a rememoração consistiria em um constante processo de tradução, transcrição e rearranjo dos elementos constitutivos da memória. Em Freud, podemos ver a emergência de uma concepção de memória que é mais do que uma mera reprodução das marcas deixadas por uma experiência determinada. Trata-se de uma memória enquanto criação, uma produção. Em outras palavras, nos trabalhos freudianos mencionados até agora (Freud, 1950 [1896], 1954 [1895]), a memória não deve ser entendida e interpretada como uma simples reprodução das experiências vividas, um arquivo a ser consultado ou uma ação meramente recursiva. A memória está intrinsecamente ligada à constante criação de narrativas singulares.

Memória, trauma e arquivo

É preciso assinalar: esse trabalho evidencia alguns pontos de tensão. Como afirmamos anteriormente, a concepção de memória que corta a obra freudiana passa por reconstruções ao longo dos anos — isto é um fato. Mas essas reconstruções não são nada similares a um movimento de evolução e progresso, como se poderia imaginar. Em outros trabalhos, tanto textos elaborados e publicados na década final do século XIX, quanto textos que datam da primeira década do século XX, o modo como a memória era apresentada em Freud se mostrava diferente. A memória enquanto criação, em alguns momentos, é deixada em *modo de espera* e em seu lugar emerge uma memória com características bastante arquivísticas e recursivas; uma memória que seria responsável por apreender o registro da materialidade do trauma gerador dos sintomas.

Essa perspectiva particular da memória é exemplificada de forma significativa por duas proposições singulares presentes nos primeiros estudos de Freud: a teoria da sedução e o método catártico.

No texto *A etiologia da histeria*, Freud (2006 [1896]) expõe algumas de suas teorias acerca do papel crucial que um trauma de natureza sexual desempenharia na vida de um indivíduo, a ponto de poder



ser marcado como o núcleo central da histeria. O autor em rele argumenta, neste trabalho específico, que a origem do sintoma histérico pode ser atribuída a um trauma experimentado pelo indivíduo ainda durante os primeiros anos de sua infância (Freud, 2006 [1896]).

Conforme apontado por Freud (2006 [1896]), a criança passaria por uma situação de abuso por parte de um adulto influente. Contudo, inicialmente, não se instaura um trauma propriamente dito, pois, naquela fase da infância, a criança ainda não possui uma compreensão suficientemente abrangente da situação para captar as dimensões e a natureza do ato abusivo. É apenas em um segundo momento, após a maturação sexual, que o indivíduo, ao recordar a experiência, passa a ressignificá-la e compreendê-la como um abuso — Freud (2006 [1896]) reitera, aqui, o caráter de produção a posteriori da memória.

A lembrança de uma experiência de caráter traumático produziria um aumento da tensão no organismo. Assim, com o intuito de evitar o desconforto associado à recordação da experiência, o sujeito reprime, segundo Freud (2006 [1896]), a situação traumática, barrando a tradução dos traços e a emergência na consciência das marcas inconscientes. Dessa maneira, Freud estabelece os fundamentos daquilo que ficou conhecido como a teoria da sedução ou teoria do trauma (Freud, 2006 [1896]).

O recalco da situação traumática estava, desse modo, no cerne dos sintomas histéricos. Neste modelo de pensamento da clínica da histeria, colocado em cena por Freud (2006 [1896]), para que o indivíduo pudesse ver a si mesmo livre do sintoma, seria necessário que o analista/médico trabalhasse visando fazê-lo recordar, rememorar a cena primária do trauma: a materialidade de sua experiência.

O movimento de lembrança da materialidade do trauma estava articulado aquilo que, no trabalho *Estudos sobre a histeria* (Breuer; Freud, 1992 [1893-1895]), é denominado método catártico. Nessa linha de tratamento, utilizando a hipnose como ferramenta, o terapeuta seria responsável por fornecer ao paciente as coordenadas para que ele, o paciente, revivesse uma vez mais sua experiência traumática, produzindo, dessa maneira, através da própria lembrança e da enunciação desta, a liberação da energia libidinal que estava associada ao conteúdo recalco (Rozenhal, 2013).

Breuer e Freud (1992 [1893-1895]) pontuam que esta reação de catarse frente ao trauma só teria efeito pleno se a reação fosse, então, adequada ao trauma em si: ou seja, uma ab-reação. “Por ‘reação’”, afirmam os autores, “entendemos aqui toda a série de reflexos voluntários e involuntários em que, segundo o que sabemos por experiência, se descarregam os afetos: do choro até a vingança” (Breuer;



Freud, 1992 [1893-1895], p. 34 – tradução nossa).

Ainda segundo Breuer e Freud (1992 [1893-1895]) nos casos em que essa reação (ab-reação) ocorre em uma escala suficiente, “desaparece boa parte do afeto; nossa linguagem testemunha esse fato da observação cotidiana através das expressões ‘*sich austoben*’ [‘desabafar’], ‘*sich ausweinen*’ [‘desabafar chorando’]” (Breuer; Freud, 1992 [1893-1895], p. 34, tradução nossa). Contudo, caso a reação ao afeto inconsciente seja reprimida, o afeto continuará vinculado à memória, e existe, assim, a chance de que essa carga de afeto retorne, sob a forma de sintoma, sobre o corpo.

Breuer e Freud (1992 [1893-1895]) continuam a teorização com a proposição de que “o ser humano encontra na linguagem um substituto da ação; com seu auxílio, o afeto pode ser ‘ab-reagido’ quase do mesmo modo” (Breuer; Freud, 1992 [1893-1895], p. 34 – tradução nossa). A linguagem, desponta, assim, não apenas como um substituto da ação, mas como uma forma de ação em si mesma, capaz de produzir uma descarga afetiva tal como seria possível a partir de uma série de atos outros.

Portanto, não é coincidência que os autores mencionados anteriormente sustentem que, em determinadas situações, “o dizer é, em si mesmo, o reflexo adequado, como queixa e como declaração, em

caso de um segredo que atormenta [a confissão!]” (Breuer; Freud, 1992 [1893-1895], p. 34 – tradução nossa).

Eduardo Rozenthal (2013) sustenta que tais proposições, realizadas por Breuer e Freud, no texto *Estudos sobre a histeria* (1992 [1893-1895]), trazem consigo a implicação de que a “reação adequada para o alívio do sofrimento neurótico *corresponde à lembrança da materialidade do trauma que adoecera o sujeito*. Rememorá-lo, isto é, colocar em palavras o trauma que invadira a subjetividade inadvertida seria, afinal, superá-lo” (ROZENTHAL, 2013, p. 99 – grifo nosso).

Delineia-se, no rastro da exposição realizada, os contornos de uma certa modalidade de memória que funciona um pouco como um arquivo, espaço de armazenamento em que toda a materialidade da experiência traumática estaria contida.

Rememorar a materialidade da experiência traumática apresenta-se, então, como o método por excelência para resolver o conflito entre o Eu, fundado natural e biologicamente, e o desejo de natureza sexual recalçado, pois haveria, para este modelo de subjetividade, “uma representação absoluta de verdade, correspondente à memória da verdade material do trauma” (Rozenthal, 2013, p. 99-100).



Garcia-Roza sustenta que a teoria da sedução e ab-reação foram um empecilho para que o Édipo, as resistências e o recalque pudessem aparecer, no interior da teoria freudiana, dimensionados como os conhecemos atualmente (Garcia-Roza, 2011). Não sem razão, afinal, enquanto a memória na psicanálise freudiana é conceituada como sendo o continente da materialidade da experiência, e sua constituição faz emergir uma certa relação de identidade com a percepção, não se abre a possibilidade para que ela [a memória] seja cortada pelas fantasias edipianas da criança e que à sua composição seja dado um caráter de singularidade e de diferença.

A essas proposições, certamente podem ser formuladas objeções. Afinal, é sabido que já em 1897, Freud renuncia à teoria da sedução, expressando, na *Carta 69* enviada a Fliess (Freud, 1986 [1897]), que não mais acreditava em sua teoria das neuroses — notadamente referindo-se à teoria da sedução. Uma das razões fundamentais para essa renúncia, segundo Freud, é “a descoberta comprovada de que, no inconsciente, não há indicações da realidade, de modo que não se consegue distinguir entre a verdade e a ficção que é catexizada com o afeto” (Freud, 1986 [1897], p. 265).

Sob a perspectiva de tal enunciação, realizada por parte do fundador do movimento psicanalítico,

a tese apresentada por Jeffrey Moussaieff Masson — nas conclusões do texto *The Assault on Truth: Freud's Suppression of the Seduction Theory* (MASSON, 2012 [1984]) — e compartilhada em muitos círculos de Psicanálise, parece ganhar alguma relevância. Masson (2012 [1984]) argumenta que o abandono da teoria da sedução, enunciado por Freud em 1987, fora definitivo e rompeu totalmente as relações da teoria freudiana com uma certa necessidade de apreensão da realidade material.

A partir dessa linha interpretativa, o movimento operado por Freud teria como efeito uma diminuição significativa da importância cedida à realidade material, sendo completamente suplantada pelas fantasias e pela realidade psíquica — as quais desempenhariam um papel crucial na etiologia das neuroses. Além disso, a concepção fundamental, intrínseca à própria teoria da sedução, de que um evento sexual específico só adquire seu caráter traumático *a posteriori*, sugere que, nesse estágio de sua construção teórica, Freud já percebia a memória como algo dissociado da materialidade da experiência vivida, invalidando, assim, a argumentação desenvolvida nesta seção.

Contudo, para nós, o problema concernente à dinâmica realidade-fantasia, presente no processo de rememoração, conforme concebido por Freud, se

apresenta de maneira um pouco mais complexa do que em geral é pintada e, portanto, exige uma abordagem cautelosa, de modo que possamos produzir uma discussão a partir da qual a complexidade do problema seja contemplada com uma resposta à altura. Nossa defesa, aqui, é que, de fato, a questão a respeito do quanto de realidade estava presente nas lembranças narradas pelos pacientes permaneceu em aberto, para Freud, por um longo período, representando um movimento pendular contraditório ao qual o fundador da psicanálise frequentemente retornava.

Pensando a respeito da dinâmica realidade-fantasia na etiologia das neuroses, em uma nota que pode ser encontrada no texto *História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”)*, podemos ver Freud afirmar o seguinte: “admito que essa questão é a mais espinhosa de toda a teoria psicanalítica” (Freud, 2010 [1914/1918], p. 137). Ainda na referida nota, algumas linhas a frente, discutindo a mesma questão, Freud acrescenta: “[...] nenhuma dúvida me solicitou mais, nenhuma outra incerteza me impediu mais resolutamente de publicar a respeito disso” (Freud, 2010 [1914/1918], p. 137).

Como uma resposta, embora indireta a essa questão do misto realidade-fantasia, Freud pontua que ele “mesmo gostaria de saber se a cena primária

de meu paciente era fantasia ou vivência real, mas, considerando outros casos análogos, é preciso dizer que na verdade não tem mais importância responder a isso” (Freud, 2010 [1914/1918], p.129). Estaria indicado, assim, que de fato a realidade material havia sido deixada de lado, e agora a realidade psíquica tomava seu lugar.

No entanto, como nos mostra Ginzburg, “não é necessário recorrer ao famoso ensaio sobre a *Negação* (naquela data ainda não escrito) para afirmar que, para Freud, pelo contrário, a coisa importava muitíssimo” (Ginzburg, 1990, p. 213). Podemos ver o quanto a questão ainda estava em aberto na frase que, no texto freudiano, aparece logo na sequência do trecho que citamos anteriormente. Freud nos diz, ainda em referência ao homem dos lobos, que em seu “paciente, a sedução pela irmã mais velha era uma *realidade indiscutível*; por que não igualmente a observação do coito dos pais?” (Freud, 2010 [1914/1918], p. 129-130 – grifo nosso).

A declaração de Freud, certamente, não sugere que todas as origens dos traumas estejam ligadas a experiências totalmente delimitadas no domínio da realidade. Contudo, mesmo ao reconhecer a presença do componente fantasioso nas neuroses, a citação anterior, através de sua pergunta retórica, destaca que os traumas podem, de fato, originar-se de vivên-

cias material. Assim, a atenção à realidade material ainda desempenhava um papel significativo no pensamento de Freud.

Ginzburg (1990) vai ainda mais longe na análise do caso do Homem dos lobos e nos mostra de que modo, a partir da ideia de *Cena primária (Urszene)*, a teoria da sedução é reativada no interior da psicanálise freudiana. Segundo o referido autor, embora o caso Homem dos lobos seja provavelmente a primeira vez em que Freud use o termo *Urszene* num texto destinado à publicação, “ele já aparecia, no plural (*Urszenen*), numa carta a Fliess, de 2 de maio de 1897, e num texto anexo a ela” (Ginzburg, 1990, p. 211).

Quando aparecem no ano de 1897, afirma Ginzburg, as cenas primárias não faziam referência “ao coito entre os pais, mas a atos de sedução sobre crianças realizados por adultos (frequentemente parentes); a tais atos atribua-se um papel etiológico decisivo na formação das neuroses, particularmente da histeria” (Ginzburg, 1990, p. 211). Ao ser retomada no caso do Homem dos lobos, a cena primária assume um papel ligeiramente diferente daquele que tinha em 1897, mas, mesmo apesar de sua reconfiguração, “faz reafiorar a teoria da sedução, dentro da qual fora originalmente formulada” (Ginzburg, 1990, p. 214).

A afirmação feita por Ginzburg se justifica na

medida em que podemos ver Freud afirmar, na parte final do texto referente ao Homem dos lobos, que após a assimilação da cena de Grucha, a primeira vivência da qual o paciente realmente podia se lembrar, teve-se a impressão de que a tarefa analítica estava cumprida. “A partir de então não havia mais resistência, bastava apenas reunir e compor. *A velha teoria do trauma, que afinal se baseava em impressões da prática psicanalítica, retornou subitamente à vigência*” (Freud, 2010 [1914/1918], p. 129, grifo nosso).

Tal afirmação, de forma perspicaz observada por Ginzburg, contrasta com uma outra proposição freudiana, que pode ser encontrada no texto *Contribuição à história do movimento Psicanalítico*, publicado em 1914 — mesmo ano em que Freud escrevia o caso do homem dos lobos, embora só o tenha publicado em 1918. No referido trecho, Freud pontua que, no caminho para descoberta do núcleo das neuroses, “foi preciso superar um engano que quase se revelou fatal para a incipiente pesquisa” (Freud, 2012 [1914], p. 259), referindo-se à teoria da sedução.

Assim, é esse movimento aparentemente contraditório que dá o tom da constituição de muitos conceitos da teoria psicanalítica, e a memória certamente não escapa a isso. Nossa defesa aqui, em suma, é a de que, apesar de enunciar um abandono



da teoria da sedução em 1987, ainda podemos encontrar rastros, indícios, tais como o retorno reconfigurado da ideia de *cena primária*, desse pensamento em obras posteriores.

O tipo de leitura que propusemos dos trabalhos freudianos, com o auxílio de Ginzburg (1990), traz consigo uma consequência crucial para a tese que estamos apresentando neste artigo: ela nos impele a manter um estado de alerta e a abordar com cuidado certas perspectivas analíticas cujas diretrizes se mostram demasiadamente lineares, bem como proposições que indicam rupturas ou viradas abruptas na constituição de um pensamento.

Se relacionamos o argumento desenvolvido por Ginzburg a toda a discussão que aqui empreendemos, somos levados a defender que o pensamento freudiano não se constituiu como algo que emerge, necessariamente e a todo instante, segundo os moldes de uma lógica racionalista. Pelo contrário: a constituição dos conceitos psicanalíticos, a partir de Freud, não se funda segundo uma arquitetura dedutiva cartesiana e, portanto, não há uma coerência absoluta entre uma série de postulações distintas, bem como a proposta de abandono de um conceito não implica, de fato, seu apagamento definitivo.

Arranjos e rearranjos: privilégio da memória como narrativa

Podemos dizer que nas muitas modalizações que a compreensão de memória recebe, em Freud, a ideia de uma memória capaz de guardar a materialidade da experiência não desaparece por completo, pois os laços que a ligam com práticas diversas — no interior da teoria psicanalítica — podem ser delineados com maior ou menor dificuldade, a depender da situação. Contudo, apesar da existência, essa perspectiva de leitura da memória perde privilégio em muitos dos textos escritos por Freud a partir da metade da segunda década do século XX.

Com a inserção do conceito de narcisismo, no ensaio *Introdução ao narcisismo* (Freud, 2010b [1914]), publicado no mesmo ano em que era escrita a análise do Homem dos lobos (2010 [1914/1918]), a perspectiva de uma verdade material da memória sofre um golpe dos mais importantes. Na obra em questão, Freud passa a valorizar a dimensão de alteridade que é constitutiva do Eu, afirmando que “uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo” (Freud, 2010b [1914], p. 18-19). O Eu de natureza solitária, que muitas vezes aparecia postulado nos trabalhos anteriores, é posto de lado e preterido por uma forma de definir o



psiquismo como efeito de um encontro com o outro.

No modo de pensamento existente em alguns trabalhos anteriores, tais como *A etiologia da histeria* (Freud, 2006 [1896]) e *Estudos sobre a histeria* (Breuer; Freud, 1992 [1893-1895]), o Eu era dotado de um caráter quase que estritamente biológico; a sexualidade não lhe seria inerente e constitutiva. Era o contato com esse trauma de natureza sexual, uma sexualidade que funcionava como um elemento estranho, vindo do exterior, que estava no cerne dos sintomas histérico.

No entanto, ao pensar as consequências da inserção do conceito de narcisismo na teorização realizada por Freud, Rozenthal afirma que “para a efetividade da subjetivação, tornara-se indispensável admitir a presença — permanente — do Outro, enquanto elemento constituinte do psiquismo” (Rozenthal, 2013, p. 101). O Eu era, dessa forma, despido de seu caráter estritamente biológico, o qual sofreria com um recalco sexualizado, para então ser visto como algo que aparece no interior do encontro com o outro. A dimensão erógena do encontro estava então na base da constituição de um Eu cortado pela sexualidade de uma ponta a outra. Assim, o Eu perdia “a autonomia estrutural que possuía, e a sua

identidade, unidade e coesão se veriam sempre articuladas à fantasia inconsciente de desejo sexual” (Rozenthal, 2013, p. 101).

Dessa forma, tinha-se o desfazer de mais um dos laços que atava a concepção de memória, nos trabalhos freudianos, a uma ideia de reprodução mais ou menos fiel da materialidade da experiência vivida — de alguma maneira, a memória freudiana desvinculava-se, em certa medida, do problema platônico do simulacro, do original, das boas e más cópias. Sob essa lógica, a memória seria, na completude de seus registros, constitutivamente permeada pelas fantasias sexuais do Eu, sendo afetada, assim, pelas narrativas que o sujeito produzia sobre si e sobre o outro.

Assim, as proposições apresentadas em *Introdução ao Narcisismo* (Freud, 2010b [1914]) tem como efeito o delinear de uma ideia particular de memória que, quando examinada à luz da teoria delineada na referida obra, já não tem a capacidade de representar uma experiência tal qual aconteceu, abandonando, assim, a noção de uma materialidade que precisava ser reproduzida para alcançar a cura em análise. Portanto, mesmo que a teoria da sedução seja parcialmente recuperada em trabalhos subsequentes, é possível afirmar que a introdução do conceito de narcisismo desfez um golpe significativo na



concepção de memória relacionada a uma certa materialidade do trauma.

Em um processo marcado por tensões, a materialidade da experiência, que antes necessitava ser rememorada para fins de cura, perde muito do seu privilégio. Essa assertiva pode ser justificada à medida que compreendemos a existência de uma transformação na concepção da memória na teoria freudiana, que cessa de oscilar de maneira constante entre duas perspectivas de memória para se concentrar, majoritariamente — embora não apenas —, em uma ideia de memória constitutivamente vinculada à sexualidade, atravessada fundamentalmente pelas questões do inconsciente, pelo recalque, pelo desejo, pelas dinâmicas afetivas, pelos processos primários e secundários.

Se a materialidade do trauma não mais ocupa lugar central no contexto do tratamento analítico, o ato simples de rememorar a experiência que fundamenta o sintoma também deixa de ser encarada como um método capaz de produzir um efeito definitivo de cura. Antes de tudo, torna-se necessário que o paciente seja capaz de produzir uma elaboração a respeito de sua própria fantasia e seu sintoma. Em outras palavras, é preciso que o sujeito produza uma narrativa sobre as narrativas que o cortam, possibilitando, assim, a reelaboração de uma posição subjetiva.

Em *Recordar, Repetir e Elaborar* (Freud, 2010a [1914]), Freud introduz a noção de repetição. Nesse trabalho, a repetição é delineada como uma forma de ação intrinsecamente vinculada ao mecanismo do recalque. Segundo a elaboração freudiana, o indivíduo poderia vivenciar certas experiências, e essas vivências têm o potencial, embora nem sempre se concretize, de deixar marcas no psiquismo — os já referidos traços de memória (*Erinnerungsspuren*). Esses traços podem sofrer traduções e rearranjos ao longo do tempo, dependendo de outras experiências de vida. Contudo, se a tradução do traço, do inconsciente para a consciência, acarreta desconforto, é possível que o recalque entre em ação, uma resistência se estabeleça e a atividade de rememoração seja barrada.

O sujeito, então, pode ser influenciado por questões inconscientes, agindo sem perceber ou compreender plenamente a extensão de suas ações, de modo que essa ação tende a se repetir indefinidamente. De acordo com Freud (2010a [1914]), o indivíduo repete precisamente aquilo que, devido às dinâmicas de prazer e desprazer, não pôde ser recordado e elaborado através do uso da linguagem. A repetição é, desse modo, uma forma de recordação, uma maneira de rememorar, mas a qual ocorre em ato e sem que o indivíduo tenha consciência de que o

faz. Há, assim, pela forma da repetição, da passagem ao ato, do sintoma, o retorno do recalado, a volta daquilo que não foi elaborado.

Freud nos apresenta, então, o trabalho de rememoração (*Erinnerungsarbeit*) (2010a [1914]) como um movimento a partir do qual a elaboração dos traços se faz possível. O trabalho de rememoração (*Erinnerungsarbeit*) aparece nesse ponto em que o sujeito necessita realizar um investimento de natureza afetiva, um investimento libidinal, para conseguir sair desse curto-circuito, operando uma elaboração das marcas das experiências, realizando um movimento contranatural e produzindo uma narrativa sobre seu trauma. Trata-se de uma memória que precisaria ser exercitada.

Na teorização freudiana (2010a [1914]) a rememoração não se dá de forma espontânea, inscrevendo-se, portanto, como um movimento não natural. É preciso que se invista e que haja um trabalho para que a rememoração seja possível. Não se trata, aqui, de rememorar a cena primária do trauma, mas de produzir rearranjos e traduções dos traços de memória, produzir narrativas.

Em 1920, Freud publica *Além do princípio do prazer* (Freud, 2010 [1920]), texto fundamental da teoria psicanalítica, no qual vemos emergir uma série de proposições que reforçam esse caráter criativo

e produtor da memória. Na obra supracitada é importante nos atentarmos não apenas para a postulação da *pulsão de morte*, enquanto conceito central que transformará a psicanálise, mas também para suas implicações: a partir do conceito de pulsão de morte o indivíduo é pensado como sendo atravessado por uma tendência do organismo a buscar o estado de tensão zero. Entra em cena também a ideia de *angustia sinal*, de modo que a tentativa de evitar o desprazer passa a ser vista como processo primário. A repetição ganha seu estatuto denso de conceito (*compulsão à repetição*) e o recalque passa a figurar definitivamente como sendo aquilo que impede a tradução dos traços mnêmicos para consciência.

Nessa perspectiva, a teoria freudiana se transforma e coloca em movimento uma conceituação em que os barramentos da memória ainda estão relacionados a um trauma, uma experiência desprazerosa, tal como eram na teoria da sedução. Mas estes barramentos não mais são pensados como algo que aconteceria por conta de um Eu isolado, que se defende de um acontecimento de natureza sexual. As impossibilidades de tradução são um resultado de uma defesa do Eu, cortado pela sexualidade de fio a pavio, defendendo-se de suas próprias fantasias e desejos, responsáveis por aumentarem a quantidade de tensão no organismo. E, desse modo, para rememorar,



é preciso que um trabalho seja realizado, rompendo as resistências do próprio indivíduo em relação àquilo que ele mesmo deseja, produzindo uma tradução dos traços, elaborando narrativas nas quais o sujeito pode inserir a si mesmo e ao outro que lhe atravessa.

Podemos assinalar, assim, que a natureza da recordação enquanto um trabalho de tradução, um trabalho de memória (*Erinnerungsarbeit*) em ampla extensão, recebe um privilégio singular com os textos *Recordar, Repetir e Elaborar* (FREUD, 2010a [1914]) e *Além do princípio do prazer* (Freud, 2010 [1920]) — algo que está relacionado, certamente, a uma série outra de construções e reconstruções teórico-conceituais realizadas no interior do saber psicanalítico. Um trabalho de configurações e reconfigurações que constitui uma ideia de memória marcada por um vetor fundamental de produção.

Com o trabalho *Nota sobre o bloco mágico* (Freud, 2011 [1925]), Freud recupera uma vez mais a tese de que as experiências podem marcar os sujeitos definitivamente, deixando traços mnêmicos passíveis de serem reordenados, porém inapagáveis. Freud utiliza a metáfora do bloco mágico para explorar o conceito de memória, afirmando que, de maneira semelhante ao bloco mágico, embora os desenhos na superfície possam ser alterados a ponto de parecer que foram completamente apagados, as

marcas permanecem latentes. Uma observação cuidadosa e um esforço apropriado poderiam revelar os vestígios, os traços que subsistem além da superfície de inscrição.

À medida que novas marcas são feitas na superfície do bloco mágico, as primeiras podem ser modificadas, alterando seu conteúdo e contornos. Entretanto, em nenhuma circunstância as novas marcas eliminam os registros das primeiras. Pelo contrário, elas se relacionam e podem coexistir, inclusive sobrepostas umas às outras, ocupando os mesmos lugares sem se excluírem mutuamente.

Esse entendimento da memória, no qual há vestígios que persistem impressos para além da superfície de emergência, é revisitado em *O Mal-Estar na Civilização* (Freud, 2010 [1930]). Embora o texto não seja especificamente a respeito do tema da memória, nele observamos Freud operar uma analogia entre o aparelho de memória e as ruínas da acrópole de Roma. Essa comparação aponta para a existência de uma memória que preserva as marcas e os vestígios de experiências passadas, coexistindo com o presente que delas se originou. Assim, está em jogo uma forma de memória que conserva vestígios das experiências anteriores, encobertas pelo presente.

O Mal-Estar na Civilização (Freud, 2010 [1930]) não foi o único texto em que Freud aproxi-



mou a psicanálise, a memória e a arqueologia. Em um trabalho posterior, datado de 1937 e intitulado *Construções em Análise* (Freud, 2018 [1937]), o autor pensa certas analogias que permitem estabelecer uma certa afinidade, em dada medida, entre o trabalho do analista e do arqueólogo. De acordo com Freud, as relações entre essas duas práticas, arqueologia e psicanálise, seriam justificadas na medida em que o psicanalista opera suas construções um pouco como o arqueólogo, que ergue as paredes de uma construção antiga a partir dos sinais que dela permanecem, dos alicerces que ainda se conservam e das depressões existentes do solo. O que estaria em pauta, assim, na psicanálise e em seu método de investigação, seria uma prática que se relaciona aos traços, vestígios, índices.

Desse modo, não é uma surpresa que vejamos Ginzburg (1990b), dessa vez em *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*, estabelecer uma relação entre o método empregado por Sherlock Holmes para desvendar mistérios; o método Morelli, para identificação de autoria de obras de arte; e o método freudiano, para a investigação psicanalítica das neuroses. Todos estes seriam, segundo Ginzburg, exemplos privilegiados que indicam o funcionamento do paradigma indiciário. Estas três formas de investigação põem em movimento uma análise que toma o sinal, os

vestígios, o rastro, como material de trabalho e ponto de partida.

Considerações finais

Ao explorarmos as transformações do conceito de memória em Freud, observamos que esta se constitui em movimentos complexos, passando por construções e reconstruções ao longo da produção teórica freudiana. Em nossa primeira incursão, a teorização realizada por Freud delineou uma concepção inicial de memória que apresentava um caráter de novidade, contrapondo-se a algumas tradições de pensamento da memória. Contudo, em trabalhos também publicados na última década do século XIX e início do século XX, essa memória foi conceituada de forma consideravelmente distinta, inaugurando uma perspectiva de memória como arquivo. Vimos, ainda, que a resolução desse conflito entre uma memória criativa e uma memória material, atualizava-se com frequência na teoria freudiana a partir da problemática da realidade material contra a realidade psíquica, ou fantasia *versus* realidade.

Através de movimentos diversos, inscritos em um campo de tensão, a concepção de uma memória que guardaria a materialidade da experiência vivida perde privilégio. No centro de gravidade da teoria



psicanalítica sobre a memória encontra-se uma certa concepção de memória enquanto potência criativa, fundamento da diferença e da própria subjetividade, marcada pela constituição de narrativas singulares.

Todo esse percurso da memória no pensamento freudiano tem consequências decisivas para a constituição da psicanálise, cortando a prática psicanalítica em toda sua extensão. Após muitos trabalhos, inclusive textos não publicados em vida, críticas, construção e reconstrução de múltiplos conceitos, Freud se firma em uma posição que traz muito daquilo que fora defendido nos seus primeiros ensaios sobre a memória, embora de maneira reconfigurada. O próprio movimento freudiano de construção da memória é, nele mesmo, uma repetição que guarda em si a diferença, sendo construído em múltiplos estratos e se modificando conforme os traços são rearranjados.

A memória de que trata Freud é de ponta a ponta um exercício de criação, produção, resistência e insurreição contra a possibilidade de apagamento. Uma memória que é apresentada como um trabalho de elaboração e reelaboração da experiência e um exercício de construção narrativa. O que está no cerne de seu movimento será a representação-coisa, e nunca, meramente, uma representação da coisa, como um sinete na cera. Em Freud, o percurso da memória é um percurso da diferença.



Referências

BREUER, J.; FREUD, S. Estudios sobre la histeria (1893-1895). In: FREUD, Sigmund. **Sigmund Freud obras completas – Tomo II**. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FREUD, Sigmund. Construções em análise (1937). In: FREUD, Sigmund. **Sigmund Freud obras completas – volume 19: Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 327-344

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). In: FREUD, Sigmund. **Sigmund Freud obras completas – volume 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13 – 124.

FREUD, Sigmund. Nota sobre o bloco mágico (1925). In: FREUD, Sigmund. **Sigmund Freud obras completas – volume 16: o Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 267-274.

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer (1920). In: FREUD, Sigmund. **Sigmund Freud obras completas – Volume 14: História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 161-239.

FREUD, Sigmund. História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”) (1914/1918). In: FREUD, Sigmund. **Sigmund Freud obras completas – Volume 14: História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-160.

FREUD, Sigmund. Contribuição à história do movimento psicanalítico (1914). In: FREUD, Sigmund. **Sigmund Freud obras completas – Volume 11: Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 245-327.

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia (1915). In: FREUD, Sigmund. **Sigmund Freud obras completas – Volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-**



1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 170-193.

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar (1914). In: **FREUD, Sigmund. Sigmund Freud obras completas – Volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em uma autobiografia (“o caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. p. 193-209.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo (1914). In: **FREUD, Sigmund. Sigmund Freud obras completas – volume 12: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. p. 13-50.

FREUD, Sigmund. **A Interpretação de Sonhos (1900)**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

FREUD, Sigmund. A etiologia da histeria (1896). In: **FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de sigmund Freud, volume III: primeiras publicações psicanalíticas (1893–1899)**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. 187–215p.

FREUD, Sigmund. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887/1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

FREUD, Sigmund. Project for a scientific psychology (1895). In: **FREUD, Sigmund. The Origins of Psycho-analysis: letters to Wilhelm Fliess, drafts and notes, 1887–1902**. London: Imago Publishing Co. Ltd., 1954. p. 347-445.

FREUD, Sigmund. Letter 52 (1896). In: **FREUD, Sigmund. The Origins of Psycho-analysis: letters to Wilhelm Fliess, drafts and notes, 1887–1902**. London: Imago Publishing Co. Ltd., 1954. p. 173-181.

GINZBURG, C. Freud, o homem dos lobos e os lobisomens. In: GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 207-218.

GINZBURG, C. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 143-180.

MASSON, J. M. **The assault on truth: Freud's suppression of the seduction theory (1984)**. New



LAELSON MATOS RIBEIRO JÚNIOR E EDVANIA GOMES DA SILVA

York: Farrar, Strauss & Giroux, 2012.

PLATÃO. **Teeteto (369 a.C.)**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

RICŒUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

ROZENTHAL, Eduardo. Freud e a memória do futuro. **Estudos de língua(gem): linguagem, psicanálise e memória**, Vitória da Conquista - Bahia, v.11, n. 1, p. 93-109, jun. 2013.

